

Liberdade, um bairro único

Diversidade cultural, raízes históricas e independência fazem o local ter muitos encantos

LÍCIO FERREIRA
REPÓRTER

Cidade dentro da própria metrópole de Salvador, no alto do platô que divide a cidade baixa da parte elevada da capital baiana, a Liberdade quer voltar a ser um bairro atraente em todos os sentidos. Local de gente simples e bonita; de uma vida comercial e financeira independente; com rede de bancos e uma infinidade de lojas de varejo na sua via principal, a Rua Lima e Silva, a Liberdade é uma comunidade, onde festas de história e tradição se multiplicam.

São comemorações ricas, que vão do Carnaval à Festa dos Santos Reis da Lapinha, passando pelo civismo do 2 de Julho. O bairro é um esplendor de luz, que carrega um fardo cultural rico, oriundo de pessoas que estudaram em escolas como Duque de Caxias e Abrigo Filhos do Povo; que trabalham e consomem as variedades de produtos da tradicional "Feirinha do Japão".

Embora já não ostente com orgulho a fama de ser o bairro com o maior número de negros do Brasil - na verdade, tal posto cabe agora ao bairro de Pernambuco, segundo o IBGE -, a Liberdade ainda tem muito a oferecer aos que ainda se sentem atraídos pela sua pujança. Especialmente, pelo fato de ter, nas suas entranhas, o bloco-afro "Ilê Aiyê" - imortalizado na voz de Daniela Mercury como "O Mais Belo dos Belos".

CORAÇÃO

A partir da Soledade, onde está a estátua de Maria Quitéria, a heroína das batalhas da libertação do Estado da Bahia, até o Largo do Tanque, o bairro se esparrama caprichosamente pelas ruas e praças da Lapinha, Sieiro, Japão, Duque de Caxias, Curuzú, Bairro Guarani, Alegria, Jardim São Cristovão, e São Lourenço. O coração é a Avenida Lima e Silva, por onde se concentra um número significativo de estabelecimentos comerciais e de serviços.

O bairro é rico de ofer-

Fotos: Romildo de Jesus



ORGULHO

Das tradições religiosas ao comércio aquecido, a Liberdade é um dos bairros mais populosos da capital

tas para quem mora ou quer desfrutar do seu vasto potencial. Os moradores têm acesso às lojas de departamento, grandes supermercados, agências bancárias, dentre outros. A Liberdade conta com um shopping center, o Shopping da Liberdade, que possui uma excelente localização, podendo ser facilmente visualizado da Baía de Todos-os-Santos e possui até um plano inclinado próprio, ligando ao bairro da Calçada, na cidade baixa.

Para alguns moradores, o maior problema do bairro é a falta de infra-estrutura, incluindo saneamento básico. Também os índices de violência que começam a assustar. Com grande concentração populacional, em geral de pessoas de baixa renda, a Liberdade tem um aspecto saudável em relação a outros bairros desta grandeza. A maioria das pessoas se conhece por terem

estudado nas mesmas escolas e frequentarem a vida cultural muito forte.

ACONCHEGANTE

A maioria diz cheia de entusiasmo que o bairro ainda é o melhor lugar para se morar. Exemplo vem do casal Joelma Jesus dos Santos 37 anos e Crispim Gonzaga Santana, 30 anos. "Sinceramente, não temos reclamação nenhuma a fazer. Muito pelo contrário. Aqui é um bairro aconchegante". Proprietários de um pequeno comércio, na praça da Lapinha, os dois reverenciam a forte presença da população negra: "Foi o bairro que me apaixonei de verdade. Eu já morei em Santo Inácio e Boca do Rio. Mas só aqui onde tive a minha filha é que me dei bem", diz Joelma.

Mãe de sete filhos, Evânilda Galvão, 70 anos, ressalta que o bairro evoluiu muito. "É bem estabelecido

e bom de se morar. Aqui, você encontra de tudo". Cinegrafista de profissão, Marison Moraes, destaca que a Liberdade cresceu bastante. "Mas este crescimento não tem sido bem acompanhado pelos governantes", critica. "A insegurança avança, mas posso dizer que ainda vale à pena morar, principalmente na Lapinha".

Moradora do bairro Guarani, Maria da Glória, 56 anos, comenta: "Mesmo com toda agonia dos engarrafamentos; dos passeios cheios de ambulantes; eu prefiro morar aqui". E acrescenta: "Acho que se melhorar vai ficar um paraíso". Dona de uma banca, postada em cima do passeio, defronte do Colégio Duque de Caxias, a vendedora Evânir França Santos, 53 anos, negocia diariamente com frutas da estação.

"Este bairro é muito bom para quem gosta

de trabalhar. Criei aqui seis filhos sempre com esta banca onde trabalho a partir dos meus 18 anos. Conheço todo mundo. E todo mundo me conhece. Isto é que faz a diferença". Sem gritos e alaridos Evânir oferecia abaixo de uma chuva fina e fria, abacaxi, banana prata, caqui e maçã.

Ainda na entrada da Feirinha do Japão, os moradores encontram uma variedade de produtos, como frutas, verduras, frutos do mar, carnes e temperos. Tudo de boa qualidade e com preço mais acessível do que o dos supermercados. O comerciante Robson Novais da Silva, 45 anos, vendedor de temperos verdes e hortaliças, reclamava do número crescente de assaltos. "Final de semana teve dois acontecimentos". E fez uma leve sugestão: "Para a feirinha ficar ainda melhor, precisava ganhar alguns banheiros químicos".

Presença do Ilê divide opiniões de moradores

A Liberdade exerce um forte apelo turístico por conta das raízes históricas da cultura negra e por conta da representatividade étnica e cultural que ostenta ao longo dos anos fruto da grande diversidade de comportamento, costumes, manifestações religiosas e culturais. Um destaque vivo é a Associação cultural Bloco carnavalesco Ilê Aiyê.

Símbolo da cultura de uma raça, que respeita e valoriza suas origens de matriz africana, o Ilê Aiyê sofre de críticas questionáveis oriundas de moradores como Abdul Al Hassan, 38 anos, que vive há 18 anos no bairro. "O Ilê é apenas um enfeite. Não nos traz nada e não serve pra nada. Não dá preferência aos jovens moradores daqui de participar dos seus projetos sociais".

Este depoimento, que provocou discórdia, dentro do seu próprio ambiente, uma barraca de lanches defronte à sede social do bloco, ganha outras nuances. Uma voz também do povo rebate a crítica: "Isto não é verdade. Quando os projetos do Ilê surgem e tem vagas, nenhum jovem daqui aparece para se inscrever", diz Marcelo Américo, 52 anos, residente há mais de

30 anos no Curuzu.

Nascido e criado no bairro, o carnavalesco Antonio Carlos dos Santos conhecido como Vovô, diz ter o maior orgulho de ser da "Linha 8" - como o bairro ficou conhecido, quando havia as linhas de bonde na cidade-. "Desde quando o Ilê surgiu, em 1974, viramos referência mundial. Já conseguimos formar milhares de jovens, que prosperaram, especialmente, no ramo da percussão".

Mas Vovô não esconde a decepção em ouvir essas críticas. "Não cobramos nada de ninguém. Atendemos a todo mundo sem distinção de cor, raça ou religião", reclama. A história "linda de se ver" do Ilê Aiyê não vai morrer. A partir do próximo dia 3 de outubro, será exibida em alto e bom som na cidade de São Paulo, pelo Itaú Cultural, conforme antecipou a analista de Comunicação do banco, Simoni Barbiellini, logo após uma longa conversa com o diretor do bloco.

HISTÓRIA

O bairro da Liberdade tem uma história de luta que se confunde com a própria formação da cidade. Antiga Estrada das Boiadas-



RAÍZES

Associação Cultural Ilê Aiyê é presença marcante há 38 anos no Curuzu

Desde quando o Ilê surgiu, em 1974, viramos referência mundial. Já conseguimos formar milhares de jovens, que prosperaram, especialmente, no ramo da percussão

Vovô

nome de origem do bairro era por onde passava o gado das fazendas que vinham de Feira de Santana por Pirajá para o abatedouro do Retiro.

Foi pela mesma estrada que o Exército Brasileiro entrou na cidade de Salvador no dia 2 de julho de 1823, para combater as tropas do general Madeira de Melo, lutando e proclamando a Independência da Bahia, que consolidou o fim do domínio português no Brasil. Com isso o bairro passou a se

chamar Liberdade.

Ainda dentro desse contexto histórico, a Liberdade sediou alguns quilombos nos tempos que precederam a Abolição da Escravatura. Com a Lei Áurea, esses núcleos de resistência acabaram dando origem à população negra.

Como área dominial da cidade de Salvador, a Liberdade era zona rural até 1802. O fim da cidade era na Soledade, onde está a estátua de Maria Quitéria e a Lapinha estava fora do perímetro urbano.